

Ócio no centro de divulgação

Esquema gigante fica parado por falta do que fazer

*José Rezende Jr
e Maurício Correa*

BRASÍLIA — O sofisticado sistema de informatização montado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para apuração dos votos, ao custo de NCz\$ 80 milhões, é o grande responsável pelo clima de frustração e ócio reinante no centro de divulgação. Graças à lentidão com que os resultados oficiais são divulgados, o centro, montado com todos os recursos da tecnologia de comunicação — da ultrapassada máquina de escrever a equipamentos como o fac-símile —, perde de goleada para um aparelho simples e popular, que praticamente todo brasileiro tem em casa: a televisão.

Às 15h, o posto de serviço da Empresa Brasileira de Correios (ECT) era a própria imagem do fracasso em que acabou se transformando o projeto de divulgação dos resultados eleitorais. A ECT colocou à disposição da imprensa 50 máquinas de telex, um aparelho de telefoto e 25 fac-símiles. Nenhum deles estava sendo usado e a coordenação do posto sabiamente optou por dispensar 13 dos 31 funcionários do turno da tarde. Ao todo, a ECT mantém no posto nada menos do

que uma centena de funcionários, divididos em três turnos.

Ao lado, o posto de serviço da Telebrasil apresentava o mesmo quadro. No meio da tarde, das 40 linhas de telefone instaladas para comunicação com o país e o exterior, apenas três estavam ocupadas.

“Esperávamos um movimento muito maior”, diz o chefe da Região de Operações Norte da Telebrasil, Wagner Machado. Ao todo, a empresa implantou 2 mil linhas telefônicas no centro de divulgação do TSE e, temendo uma sobrecarga no sistema, instalou ainda 58 orelhões e tratou de abastecer-se com 200 mil fichas, à espera de uma aumento de demanda que não houve. O serviço mais procurado ontem no posto da Telebrasil acabou sendo o videotexto que fornece, por ironia, resultados extra-oficiais da apuração colhidos pelas emissoras de televisão.

O serviço de Tele-Recado da Telebrasil mostrava, ontem à tarde, apenas que um certo Roni deveria entrar em contato com seu filho Roninho. Na véspera, o serviço havia sido bem mais procurado — só que por eleitores tentando mandar recados para seus candidatos. “Avisa para o Collor que aqui em casa foram dois votos pra ele”, mandou dizer um eleitor de Sabará (MG). “Diz pro Lula que ele vai ganhar”, pedia outro, de Brasília.

Mas Collor, Lula e outras estrelas da

eleição passaram a léguas de distância do centro de divulgação do TSE. À exceção de um sorridente e derrotado Afif, que apareceu por lá anteontem, o batalhão de repórteres e cinegrafistas tinha que se contentar com autoridades como o presidente do PTB, o ex-deputado Paiva Muniz, e o líder do PDT na Câmara, deputado Vivaldo Barbosa.

Espingarda — Sem maiores con-
correntes, o herói do dia foi, involuntariamente, o cidadão Carlos Dias Araújo, sonoplasta da TV Nacional, que tentou entrar no centro de divulgação pela porta dos fundos, com uma espingarda calibre 28 embrulhada debaixo do braço. Araújo, que foi detido e encaminhado à 2ª DP, não pretendia, no entanto, segundo contou à polícia, cometer qualquer atentado, mas simplesmente vender a arma.

E assim, à falta de emoções mais fortes, as UTIs móveis, as ambulâncias e os equipamentos para recuperar vítimas de paradas cardíacas permaneceram ociosas durante os dois primeiros dias de apuração. Os atendimentos no posto médico limitaram-se a casos isolados de hipertensão, em número reduzido mas suficiente para pesar na decisão do TSE de esticar a lei seca no centro de divulgação. Sem uma única garrafa de cerveja disponível para amenizar a frustração e o tédio, o centro era, ontem, provavelmente o único lugar do Brasil onde o álcool está definitivamente banido.